

22ul

TESE
DE
MESTRADO

LITTERATURAS ROMÂNICAS, MODERNAS E
CONTEMPORÂNEAS

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Miguel Torga

&

Espanha

043M

C 327 m

Ex. 2

UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Letras
BIBLIOTECA

N.º 53552

Ex. 2
Data 16 / 03 / 19 98

(POEMAS IBÉRICOS)

FUNDO GERAL

FLUP - BIBLIOTECA



915775

PLANO DO TRABALHO

I - Miguel Torga visto através do seu Diário.

II - O tema de Espanha em Miguel Torga (possíveis influências nacionais e estrangeiras).

III - Análise comparativa de "Poemas Ibéricos" e "Alguns Poemas Ibéricos".

IV - Conclusões quanto ao Iberismo de Miguel Torga.

MIGUEL TORGA E ESPANHA

Leitura de "Poemas Ibéricos" de Miguel Torga para demonstrar que a ideia/conceito de ESPANHA é fundadora da sua escrita.

Pretendemos nesta nossa despretenciosa tese demonstrar (mostrar, talvez) que o pensamento de Torga sobre Espanha está presente em toda a sua obra, que as fronteiras físicas não são fronteiras psicológicas. Na Península Ibérica há uma certa coesão apesar das nítidas linhas de cisão, mas é como se o escritor conseguisse pensar o tema de Espanha de uma forma ardente e apaixonada, vivamente entregue a um impulso. Na escrita de Torga encontra-se, com grande beleza e simplicidade, um vivo desejo de encontro com a outra nação Ibérica, uma busca sincera de compreensão e de libertação pela escrita filosofante e profunda do antigo desconfiar em relação aos nossos vizinhos da Península; tanto mais agora que as disputas imperiais se parecem ter desvanecido, pelo menos no que diz respeito aos impérios deste mundo, temos obrigação moral de reagrupar nações contra falsos conceitos de economia e de humanitarismo oco que levam a becos sem saída.

Reafirmamos nossa maneira por vezes intuitiva de mostrar subordinada ao desejo de ser despretencioso, contraditório, talvez, aforístico, quase sempre e auto-constutivo.

Trataremos da personalidade de Torga, da sua descoberta de si na via artística; consultaremos as páginas de DIÁRIO para compreendermos a noção de "liberdade humana" tão querida do autor. Em seguida será abordada a noção de HISPANIDADE em Torga.

Finalmente serão analisados alguns poemas de "Poema Ibéricos" confrontados com os mais antigos "Alguns Poema Ibéricos". Na linha da busca encetada pela malograda 'Geração de 70' e desenvolvida pela Renascença Portuguesa, Torga parece-nos ter contribuído com originalidade para o problema do pensamento português sobre o ser profundo da portuguesidade ou da lusitaneidade e parece-nos também ter dado um contributo valioso às reflexões da Geração de 98 espanhola sobre a identidade hispânica. O ténue fio de esperança que perpassa a obra de Torga mal parece resistir ao caminho dos acontecimentos, ao correr veloz do destino de Portugal, nação Ibérica, nação enigmática e contraditória que nenhuma razão simples parece poder sustentar. Só mesmo o silêncio ou outro tipo de inefável linguagem poderia dar, em plenitude, o verdadeiro sentido da escrita paradoxal comprometida de Torga:

"É silêncio que pedes,
 E é silêncio que peço.
 Mas o poema é o som dos leves passos
 De uma aventura.
 Se nada ouves,
 Se nada ouço,
 É que não há Poesia.
 E, então,
 Ai de nós
 E da nossa harmonia!"

SILÊNCIO, Coimbra, 22 de Out. de 1950.

O mundo de Torga não é o céu nem o inferno, mas sim um estado intermédio entre os dois. Ao ler as páginas desconcertantes de franqueza e inquietação de DIÁRIO compreende-se que a escrita de Miguel Torga é um vespeiro de estrelas pousado na fluidez crepuscular de uma civi-

lização, de onde emerge a esperança saudosa, sonoro bailado de cantares telúricos e humanos. Entra-se num mundo de comunhão ou cai-se em perigosos abismos de dúvida e desânimo, abismos do Ser. Havendo restaurado a principalidade do Verbo e realizado os seus milagres redentores apenas por palavras, Torga é, acima de tudo, um mediador entre o mal e o bem, que transforma aquele neste, realizando nessa síntese ou mediação o infinito aumento de ser que garante o optimismo religioso da sua escrita vivida: nunca duvidamos porque sentimos.

LEIRIA, 19 de Novembro de 1939:

"Ouço-os de todo o lado.

Eu é que sou assim.

Eu é que sou assado.

Eu é que sou o anjo revoltado,

Eu é que não tenho santidade...

Quando, afinal, ninguém

Põe nos ombros a capa da humildade,

E vem."

Passa-se insensivelmente do natural para o sobrenatural, já que um e outro fazem parte da mesma realidade universal ou cósmica.

COIMBRA, 14 de Maio de 1944: "Isto é um mundo demoníaco, onde toda a nossa astúcia, inteligência, coragem, não valem nada! Isto é pura e simplesmente um campo minado, sobre o qual nós somos apenas uns ridículos retilhões." (p.239 de DIÁRIO).

Tanto nos preocupamos com valores e afinal tudo parece patético, determinado por mão invisível... Mas merece a pena correr o risco:

passamos à visão mais complexa e turbulenta das relações causa-efeito, somos levados a grutas cada vez mais profundas e estranhas. Há um forte desejo de regresso à Idade de Ouro, saudades do futuro...

A procura de uma razão para viver, procurando-se a si mesmo, o escritor passa a vida buscando o interior ôntico, entusiasmado ou quase desesperado, por vezes refugiando-se na escrita. Os primeiros livros de Torga amarelecem nas montras das livrarias de Coimbra em edições inteiramente custeadas pelo autor. As pessoas não liam por razões políticas ou por razões de hábito. Torga lia muito. Torga tinha-se para se dar, assim, tal e qual. As páginas de DIÁRIO são exercícios de pesquisa interior ou penitências.

LEIRIA, 14 de Março de 1940: "Pouca gente reparou, certamente, num destes pinheiros que crescem nas falésias, fustigados sem piedade pelo vento, e que o mar continuamente atraíçoa, desnudando-lhe a raiz. Mas quem por acaso reparou, deve ter notado que esse pinheiro, com a morte permanentemente a rondá-lo, é um constante e febril conceber de pinhas." (p. 78 de DIÁRIO) ...um constante e febril conceber de palavras.

Assentador de padrões das novas expansões em busca das Índias do sonho nas caravelas da poesia ou da prosa poética inspirada sempre no duro falar transmontano de vocábulo castiço, de construção própria e sóbria, inabaláveis: Miguel Torga pertence às saudades e às virtualidades do contemporâneo: está entre o enraizamento profundo na tradição e a criação de devir espiritual. As páginas de DIÁRIO sempre escoltaram a sua estética edificadora num jogo pleno e consciente de liberdade, de conversão permanente ao Menino em nós, verdadeiro Imperador de Impérios anunciados. (1)

(1) A vida colectiva em distensão para um futuro incitante e concreto, encantador e imaginável!

CAMPOS DO MONDEGO, 29 de Janeiro de 1941:

"Vou pelos campos fora, a ver

As velhas maravilhas que se sabem:

Milho verde a crescer

E ninhos onde os filhos já não cabem.

Vou como erva ou bicho que respira

Mas já tem mildio ou peste no tutano;

Vou a ver a mentira

Desta pujança que não dura um ano."

Tom melancólico, irónico, sofrido, em busca de um olhar novo, consentido.

Miguel Torga usou o dicionário da terra, a gramática da paisagem e animou suas frases com o espírito do povo (saúde profunda, sentida).

"O resultado não foi só o encontro, no seu estilo límpido e substantivo, da mais elástica pureza idiomática de raiz popular com a solidez vernacular dos nossos melhores clássicos. Não, o resultado não foi só esse estilo masculino que torna, sobretudo nos seus poemas, o tom e a visualidade homérica, da transparência helénica. O resultado

foi a fusão de tudo o que estava do outro lado da fronteira das palavras de uma, de outra e de outra derivação. Foi a fusão numa síntese que não sistematizou, não balizou, não riscou chavetas, mas reelaborou, reenformou e recriou a realidade popular, erudita e mediterrânica da nossa cultura." (1)

Não surpreende, pois, que Torga se tenha voltado da montanha para o planalto, mar terroso da sua imaginação, e tenha tentado sua obra hispanizar, isolar aquém-Pirinéus uma cultura ligada ao humano, ao amoldar-se à terra sem esquecer o céu. A nossa Península constitui, na ideação torguiana, uma reserva de verdadeira civilização

(1) F. Magalhães Gonçalves in "Sete Meditações Sobre Miguel Torga", Coimbra.

ainda não contaminada pelo primado da vontade sobre a realidade; aqui
 ainda se pensa a realidade, ainda se cisma a realidade, ainda se tem
 esperança pois o pensamento (tornado saudoso na Galiza e em Portugal)
 é fonte inexaurível de devir. A verdadeira liberdade está em ser-se,
 pensar-se, humanizar-se:

"Liberdade que estais no céu..

Rezava o Padre Nosso que sabia,

A pedir-te humildemente

O pão de cada dia.

Mas a tua bondade onipotente

Nem se ouvia.

Liberdade que estais na terra...

E a minha voz crescia

De emoção.

Mas um silêncio fundo sepultava

A fé que ressumava

Da oração.

Até que um dia, repentinamente,

Olhei noutro sentido, e pude deslumbrado

Saborear, enfim,

O pão da minha fome!

Liberdade, que estais em mim,

Santificado seja o vosso nome!"

UTA, 1 de Setembro de 1975

Trindade Terra, Céu, Homem, poema de iniciação, tomar as rédeas
 do Reino Nosso e dar matéria a 'nunca ouvido canto'...

Assim se foram alargando horizontes (incansável andarilho) e viagens,
 passeios a pé, jornadas de caça, eram pretexto para notas penetrantes
 sobre cultura, paisagem, política relacionadas com o país vizinho.

O DIÁRIO está cheio de referências a estas actividades de explorador incansável em Espanha e é rico em comentários poéticos sobre o conceito de 'Ibéria' e a necessidade que o autor sente de respirar ares lavados, mais cultos, do outro lado da fronteira:

LOVIOS, 1 de Agosto de 1956: "INCURSÃO

Terra alheia - aventura apetecida;

Pronta libertinagem

Dos sentidos;

No corpo violado da paisagem,

Atrevidos

Devaneios dos olhos indiscretos;

Virginais e secretos

Caminhos tacteados;

O gosto a devorar acidulados

Frutos proibidos;

O deleite de inéditos perfumes;

E a humana comunhão de outros queixumes

A ressoar na concha dos ouvidos."

Evidente gosto pagão a lembrar, talvez, os 'Cinco Sentidos' de Garrett?

Torga aventura-se por Espanha com natural olhar gaiato e atrevido,

cheio de malícia inocente, quase traquinice de criança livre, natural.

É o olhar de um fauno escondido entre as árvores para uma ninfa

que se banha descuidada, cheia de surpresas e encantos mágicos.

Portugal e Espanha vão surgindo como duas fisionomias num mesmo

rostro. Há como um desejo de união que paira sobre a própria terra,

purgada pela visão mítica do espírito peninsular, uma espécie de

Julietta Castelhana e um Romeu Português ou talvez antes um

rememorar saudoso da tragédia da que depois de morta foi rainha.

A terra sempre foi a alma, os sentidos, a explicação e a vida da 'Ibéria' de Miguel Torga. "Nunca uma magnificência humana encontrou melhor cenário para se desprender das pompas do mundo e se engrandecer na pequenez do fim." (1)

A aridez e a monotonia da paisagem são ideais para o reencontro do homem consigo próprio, com o seu nada sublime, a "soberania do nada, glória suprema na hora derradeira".

A reflexão sobre Espanha vai assim amadurecendo e, a pouco e pouco, desabrochará em síntese poética em "Alguns Poemas Ibéricos", poemas ainda dispersos que haviam sido publicados em revistas e periódicos. Mas escutemos o poeta no DIÁRIO: MÉRIDA, 8 de Junho de 1960 - "Não há dúvida que me sinto bem a pisar terra espanhola! É uma sensação agradável de alargamento físico, de reconciliação íntima, de fome satisfeita. Parece que se completam em mim não sei que crescimento celular interrompido, que voo espiritual travado, que compreensão esboçada. Qualquer coisa de semelhante a uma orfandade que fosse subitamente anulada pela ressurreição do amparo progenitor." (2)

Espanha ressuscita na visão poético-reflexiva de Torga como o estranho e saboroso 'amparo progenitor', súbito anular de orfandade antiga.

O reencontro com a Mãe traz evocadas as saudades dos tempos passados em separação, dolorosa ausência física e espiritual; apenas a presença dá à saudade sentido (saudades do que recuperamos). Como afirma Pascoaes: "A saudade de Deus e a incerteza de Deus são a essência do pensamento saudosista e quixotesco, isto é, da alma portuguesa e da alma castelhana."

Parece-nos que Torga, transmontano assumido, embora residindo e trabalhando na cidade-saudade, descamba muito mais vezes para a incerteza que para a saudade galaico-portuguesa.

(1) Reacção perante o ermo escolhido por Carlos V para morrer.

(2) DIÁRIO. edição compacta, páginas 860 e 861.

Homem radical, mas tocado por um sentido de transcendência que simultaneamente se afirma e se revolta, Miguel Torga dá testemunho na sua obra, principalmente nas páginas de DIÁRIO, da coincidência entre o desejo de unidade e o de liberdade. A conciliação destes contrários aparentes exprime-se na intuição criadora do poeta sob a forma de sondagem profunda da raiz do mistério da portuguesidade. Se pretendemos observar tudo quanto se esconde por detrás das aparências da História temos que aumentar os níveis de consciência. Optimismo (contra um pessimismo fatalista) e pessimismo (contra um optimismo balofo) encontram-se entrelaçados na obra de Torga e deixam vislumbrar uma concepção complexa mas original da alma humana, já portadora em si de recôndito poder redentor... A sua poesia é fundamentalmente a busca de fidelidade no Terrestre, a busca da aliança sem mácula do homem com o terrestre: a busca da inteireza do homem no Aqui e no Agora Imperecíveis.

"S.MARTINHO DE ANTA, 28 de Setembro de 1966: P A N O R A M A

Pátria vista da fraga onde nasci.

Que infinito silêncio circular!

De cada ponto cardeal assoma

A mesma expressão muda.

É de agora ou de sempre esta paisagem

Sem palavras,

Sem gritos,

Sem o eco sequer de uma praga incontida?

Ah! Portugal calado!

Ah! Povo amordaçado

Por não sei que mordação consentida!" (1)

Tensão permanente, na escrita e na vida, entre o individual concreto e o transcendental omnipresente...

(1) DIÁRIO, vol. X, 1968.

Mas voltemos agora a atenção e o olhar para a Galiza e vejamo-la com os olhos do Poeta:

"PONTEVEDRA, 5 de Setembro de 1951 - M A D R I G A L

Minha Galiza de perfil bonito,

Órfã de pátria num asilo austero:

Só por seres portuguesa é que te quero,

E por seres castelhana te acredito."

Fundamenta-se este 'acreditar' com uma impressão de viagem recolhida em Madrid (21 de Abril de 1951): "O querer nesta terra tem qualquer coisa de permanentemente heróico, de arco em contínua tensão. A própria beleza não é uma secreção do meio; é uma imposição ao meio." E assim também se entende a orfandade da pátria de Rosalía de Castro...

Espanha também se impõe, a Torga, de dentro: é uma ideia insinuante, impossível de combater; escrever sobre ela é colher a impressão da viagem e, ao mesmo tempo, escrever crónica para os vindouros não desconhecem a importância deste tema para a nossa literatura. Neste jogo saudável do imaginar deambulante, bem enraizado na palavra criativa do Poeta, Miguel Torga vai avaliando tudo o que o rodeia e reconstrói ao primeiro golpe de pena as contradições aparentes dando-lhes coerência justa e interna no discurso: "A linguagem que o meu sangue entende é esta. O chão que os meus pés sabem pisar, é este. E, contudo, eu não sou já daqui." (1)

A energia do espírito faz-se sentir através das combinações vibrantes dos sons da fala e impele-nos para planos elevados do Ser onde só vinga quem pode/quer. Torga escreve o seu modo quase profético de preparar os poderes emergentes no futuro. O fogo que arde sem se ver.

(1) Comentário melancólico feito durante uma curta estadia na sua terra natal, S. Martinho de Anta em Trás-os-Montes.

I N S C R I Ç Ã O

Vivo

Em altitudes que ninguém tolera.

Onde a emoção degenera

Em morte.

Onde as artérias rebentam

Desde que não sejam minhas

Ou de quem seja forte.

"Tributo" - 1931

Sim, bem certo é: o próprio Deus não seria perfeito se não contivesse o Nada. Lá no alto onde não me atrevo chegar, da mediania da minha mediocridade, comparo Torga à urze da montanha que alimenta a paisagem de beleza selvagem; na altivez da sua rebeldia combativa, sofrida, Torga sobrevive porque é forte e não se vergou ao destino da enxada, nem ao de 'brasileiro', nem ao de padre, nem sequer ao de médico que era e bom. Até a noiva foi prevenida que seria posta de parte por um verso que acudisse (ela também era forte e casou com o Poeta). Torga e a sua escrita, tal como Portugal e Espanha estão amassados em carne e em espírito idênticos, embora razões políticas tenham levado à separação: "Costas voltadas à cobiça de Castela, só nos resta o aceno deste livre e largo horizonte azul, de onde nos pode vir alguma coisa: a sardinha fresca (...). Daí a tristeza destas separações que, embora o não sejam verdadeiramente no cerne da carne e do espírito, o são no íntimo da poesia". (1) É impossível abstrairmo-nos deste sentimento angustiado de "perigo raiano" (pedrinha no sapato).

Em 1988 Torga declara: " O meu iberismo é um sonho platónico de harmonia peninsular de nações. Todas irmãs e todas independentes. Mas é também uma paixão escabreada, que arrefece mal se desenha no horizonte qualquer sinal de hegemonia política, económica ou cultural. Que exige reciprocidade na sua boa fé e nos seus arroubos. Que quer apenas comungar fraternamente num mais largo espaço de espiritualidade." Hão-de valer ao declarante, para que suas declarações não sejam mal entendidas, "as cicatrizes de defensor incansável do amor, da verdade e da liberdade, a tríade bendita que justifica a passagem de qualquer homem por este mundo." (1) Torga torna-se assim um dos maiores poetas de todo o vasto mundo hispânico e as suas obras de ficção são traduzidas para o castelhano e lidas por *falantes* do espanhol.

Miguel Torga é muito das primeiras impressões que se formam por analogia e se ligam às pessoas e às coisas que pretendem apresentar; em relação a Portugal e Espanha, vistos no todo Ibérico, a impressão de Portugal como nação atlântica prevalece e faz salvaguarda; mas se se trata de confrontar as nações peninsulares com as outras nações europeias, a impressão é magoada, contra o cinismo da Europa dos ricos que, por exemplo, assistem ao drama da guerra civil "como se estivessem a contemplar uma gigantesca tourada humana." Raramente Torga parece premeditado e parece antes escrever sob impulsividade de comunhão com os sítios e com as gentes, embora a sua natural condição de português e de ibérico o faça ver as coisas ao seu modo.

(1) Citações de DIÁRIO, edição compacta, páginas 1539 e 1688.

Notar alguma influência de Antero de Quental das "Odes Modernas".

"O simples nome de Espanha desencadeia uma girândola de reflexos em cada um de nós. Não é ódio, como às vezes se julga, é simplesmente pânico. Medo terrífico de perder a independência que sabemos negada no subconsciente dos vizinhos (...). Só conseguimos ver em cada grandeza pessoal ou monumental instrumentos virtuais de domínio." (1) Nós somos, em relação a Espanha, uma solidão absurda, construída num estranho vai-vem de atracção e repulsa. Fizemos da linha que nos separa de Espanha a linha do nosso destino: "uma grande opulência mesmo ao pé da porta, sem sombra de equivalência, em vez de facilitar, inibe o diálogo, e contribui para o afastamento. Há um instinto de conservação colectivo tão forte como o individual. A independência começa onde começa a defesa das influências avassaladoras. Somos "uma pátria abstracta, em gestação perpétua no desassossego de cada filho." Há, na escrita de Torga, uma vocação de portugalidade e serviço de pensamento, como Oriente do Homem que procura o sol nascente; estará sempre presente onde for possível o nome de Portugal, o outro: o que existe e subsiste como Pátria.

"O ibérico, em geral, goza perante todos os povos europeus de privilégio considerável cuja determinação consciente faz o fundo deste nosso escrito, de melhor que nenhum outro povo ter visto Deus face a face. Em nenhum outro povo europeu a mística foi tão alta e influente, em nenhum a arte, a acção e a política se realizou ou buscou realizar-se com tão profundas implicações religiosas. Disso vivemos ainda e disso em parte sofremos." (2)

Pilar Vasquez Cuesta acha que a escolha do pseudónimo 'Miguel' responde ao propósito de acrescentar "um novo elo lusitano a toda uma cadeia espanhola (Miguel de Molinos, Miguel de Cervantes, Miguel de Unamuno) de pensamento combativo e rebelde" (criacionista se víssemos na linha de "A Alegria, A Dor e A Graça"?)

(1) DIÁRIO, p. 1110; (2) José Marinho, OBRAS (III), INCM, Lx.996, pp.362/63.

A rebeldia de Torga tenderia à instauração de uma Hispânia onde fosse regra a não existência de centralismos, onde o inesperado da paisagem e da alma fosse rapidamente aceite por todos, onde se dessem todos bem e compreendessem sem se submeter para que se instaurasse a regra da compaixão ou bondade do coração.

"A pátria (...) e tudo o que se disse, diga e disser, mais não é do que a expressão profunda da minha experiência histórica, social, telúrica, religiosa, ou outra vivida aqui. Em função desses valores é que valorizo outros valores alheios, a maior parte das vezes maiores que os meus. Mas valorizo-os sem medularmente aderir aos seus encantos. O espírito entende-os e a fisiologia repele-os." (1) E o espírito sopra onde e quando quer. Medularmente Torga sente-se português, mas espiritualmente aceita a Espanha da paisagem e da terra, dos perfumes e sentidos, também culturalmente apetecida. Não sei se consegui demonstrar que Miguel Torga tende para a inclusão de contrários pois usa uma lógica 'transcendental' na qual as contradições se desvanecem e transformam em sinais de contradição. Neste mundo simbólico/verbal a que o poeta se guinda a pulso e a que dá uma estranha coerência profunda, quer de vida quer de escrita, tudo ganha significações novas, ricas, multi-facetadas, tudo eleva e enraíza ao mesmo tempo que religa à vida e ao nosso imaginário mítico/pátrio.

Vejo ou imagino o Poeta de S. Martinho de Anta voltado para o Nascente respirar o ar puro da aurora e reflectir sobre Espanha como o Infante D. Henrique reflectia sobre a Índia voltado para o imenso mar em mítica Sagres brumosa. Sonhar com realismo é concretizar a esperança: "Todo lo hemos hecho entre todos, se dira entonces." (2)

(1) DIÁRIO, pp. 694/95.

(2) Unamuno.

Estamos revisitando a obra de Torga, em busca de representações da maneira de olhar e de ouvir Espanha. Não catalogamos nem extraímos conclusões. Uma identidade cultural anima as populações de ambos os lados da fronteira entre Portugal e Espanha. A norte a Galiza sorri-nos com simpatia e saudade. Assim, os tropismos de Torga não são apenas elementos estéticos, são antes solicitações de verdadeira raiz. É inconsequente procurar no poeta um discurso analítico sobre a 'Ibéria' ou querer transformar as páginas de DIÁRIO em ordenações mentais sobre hispanidade. O que se escuta, com ouvidos de escutar, é a subtil desocultação da humanidade dos gestos, a descrição franca da desordem e da harmonia, o retratar incisivo das paisagens e das gentes, um murmúrio inefável que nos guia no interior da inteligência e do coração até à profundidade das duas nações ibéricas vistas em português, vestidas das falas de cá, para lá... Os códigos, os defeitos, as vidas, os territórios são humanidade em territorialidade acrescentada. Nesta "fraternidade de raiz" o universo ganha sentido! Ninguém é feliz sozinho, nem mesmo na eternidade. Torga capta permanentemente mais que uma dimensão e transmite o sortilégio sem sentirmos. A força telúrica que o prende à raiz combina-se com a espiritualidade que o leva, simultaneamente, a vários tempos e vários espaços. É, ao mesmo tempo, um sedentário e um nómada, um ibérico e um português: elege Agarez como "centro do mundo" mas viaja sem parar pelos ciclos renovados da beleza e da vida verdadeira. Ser português e conviver costumeiramente com os espanhóis é ser europeu: para além dos valores e dos ritos está a verdade que nos une. Mas a verdade não redime quando a razão está na sombra:

"C L E M Ê N C I A

Não me posso julgar como juiz.

Tenho que ter a humana caridade

De não ouvir apenas o que diz

A Verdade.

Também a minha sombra tem razão

Também ela

Anda comigo e vela

Enquanto o sol me vai colando ao chão." (1)

Torga faz uma tremenda crise de inteligência e sentimento sem que dela resulte uma descoberta de novas possibilidades, mas marcando na sua genial personalidade o valor eterno dos problemas. São maravilhosas anotações do anoitecer de uma vida de olhos fitos no Mistério. Ele é um fulgurante relâmpago atravessando com luz ansiosa nas suas interrogações, o pútrido charco deste marasmo de pensamento que por aí adormenta as almas. Assim estejamos nós acordando para ler os "Poemas Ibéricos", fazer o regresso à salvação dada de graça pela consciência permanecida pura e total, divina dádiva generosa para quem a quiser escutar.

"Cruzando la mar en quebradizas carabelas fueron nuestros abuelos a descubrir el nuevo mundo que dormia bajo estrellas antes desconocidas. No hay algun nuevo mundo del espiritu cuyo descubrimiento nos reserve Dios cuando osemos, como los heroes de Camões, lanzarnos 'por mares nunca dantes navegados' en espirituales carabelas labradas com madeira de los bosques de nuestro pueblo?" (2) Assim desafia D. Miguel de Unamuno aos intelectuais e aos demais para que partam e sintam como os heróis de Camões e das outras nações e tenham outras ilhas maravilhosas à espera como recompensa merecida. E continua, agora mais voltado para a espanhola esperança : "Si Don Quijote volviera al mundo seria pastor, o lo será quando vuelva; pastor de pueblos y buscará que le de el amor conceptos, y en hacer vivir y triunfar estos pondrá todo el

(1) in CÂNTICO DO HOMEM; (2) in VIDA DE DON QUIJOTE Y SANCHE, p.492.

denuedo y la bravura toda que puso antes en acometer molinos y libertar galeotes."

Regressemos então, se é que o regresso é possível, do mar à terra, da aventura ao cismar na aventura, dos abismos às alturas serranas de granito luarento, versos fortes, alma do Douro internacional... Com todo o denodo guiemos nossos rebanhos, rebuscados do amor os conceitos, reencontrada dos antigos a bravura.

Depois do 'Ultimatum' inglês de 11 de Janeiro de 1890 a indignação dos portugueses foi tão grande que se entendia que nos devíamos aliar a Espanha para fazer frente aos soberbos ingleses que nos tinham atraído. Do outro lado da fronteira a imprensa e a opinião pública apoiam os portugueses e há um sentimento generalizado de republicanismo nas duas nações ibéricas. Entretanto Espanha também perde Cuba e surge a chamada Geração de 98 espanhola a querer desenvolver um iberismo libertário à Antero e a dar grande realce aos escritores portugueses da Geração de 70 (principalmente Oliveira Martins). A Europa do Norte e a América do Norte separavam-se cada vez mais da fraternidade cristã para se dedicarem ao lucro desumanizado. Havia que redescobrir a identidade ibérica para fazer frente ao materialismo dos países do norte. "É para a Espanha que havemos de voltar-nos. É com ela que devemos outra vez aliar as forças no propósito duma defesa comum porque só com ela temos intimidade de interesses, relações progressivamente mais entranhadas, afinidades de tradições, comunidade de alma e irmandade de história." (1) afirma Oliveira Martins em 25 de Janeiro de 1890... Miguel Torga herda esta perspectiva motivada pelos tempos da reconquista cristã, quando os infiéis estavam à porta. A cristandade está de novo ameaçada.

(1) declaração ao Jornal "O Tempo".

Será abusivo aplicar a Torga os versos que ele aplicou a Pessoa nos "Poemas Ibéricos", um pouco talvez em diálogo com a "Mensagem"?

"Oculto no seu corpo e no seu nome

(Aranha que negava a própria teia

Que tecia).

Poeta da poesia

Sibilina e cauta.

Foi o vidente filho universal

Dum futuro-presente Portugal

Outra vez trovador e argonauta."

O que procura sempre encontra e o mesmo procurar já é encontrar...

"Começando por ser 'alguns' - enquanto simples enfeixar de uma colectânea, na sua primeira versão de 1952 -, os 'Poemas Ibéricos' completaram-se, na edição de 1965, como um todo estruturado, cuja ordenação coerente se foi fazendo, por irradiação de um núcleo germinal, num percurso poético em que a insistência do trabalho de escrita se pode detectar, em obediência a um plano subjacente, senão explícito - pois desborda sempre de um mero voluntarismo - pelo menos apontando para um horizonte em que tendencialmente convergem, na sua diversidade. Que o nexó intrínseco decorra de uma ante-textualidade intencional, de que a sucessão poemática é traço, ou que pela leitura sejamos nós a configurar-lhe o trajecto discursivo, tratar-se-á de perspectivas complementares, para uma focagem que se queira imanente e transcendente à obra, iluminando-a nos seus claros-escuros." (1)

Assim vê José Augusto Seabra a evolução de Torga em relação ao modo como tratou os poemas sobre a Ibéria que lhe iam surgindo no

imaginação. Alguém tinha que mostrar ao mundo culto e distraído que Espanha e Portugal tinham uma tradição cultural grandiosa que o desdém alheio jamais destruiria. Também importava registar reacções ao esmagamento do movimento libertário republicano e anarquista Espanhol em meados dos anos trinta, data da publicação dispersa de alguns dos poemas. O pensar a tradição revela os pontos fortes da acção passada que devem ser reeditados e os pontos fracos que deram origem ao presente moribundo e esgotado; o reencontrar das energias está na reformulação teórica, na reinvenção das palavras e do pensamento que dê novo alento às almas esmorecidas. Entre 1934 e 1984 o tema percorre a escrita de Torga e vai-se adaptando às novas circunstâncias histórico-culturais dos dois países, desde os primórdios da revolta fascista e militar até à democracia nos dois países ibéricos e à tradução para castelhano dos "Poemas Ibéricos" saudada com alegria em Madrid (Maio de 1984). Certamente Miguel Torga não procurava fama nas letras hispano-americanas mas acabou por alcançá-la merecidamente tanto mais agora que as fronteiras foram abolidas e nos encontramos apenas obrigados a controlar as chegadas de pessoas não oriundas de países da União Europeia. Estamos em maré de 'uniões' e para elas temos que despertar...

"P E S A D E L O D E D. QUIXOTE

Sancho: ouço uma voz etérea

Que nos chama...

Ibéria, dizes tu?!... Disseste Ibéria?!

Acorda, Sancho, é ela a nossa dama!

Pois de quem hão-de ser estes gemidos?!

Pois de quem hão-de ser?!

Só dela, Sancho, que nos meus ouvidos

Anda o coração a padecer...

Ergue-te Sancho! Quais moinhos?! Quais?!

Ai! pobre Sancho, que não sabes ver

Em moinhos iguais

Qual deles é só moinho de moer!..." (1)

As pessoas estão sendo enganadas e não dão conta. A Dulcineia Ibérica está prisioneira de estranhos feitiços e é urgente ir libertá-la para não perdermos nossa dama, nossa honra cavaleiresca de outrora/ agora. Faz-se um vibrante apelo simbólico ao despertar das consciências adormecidas pelo consumismo que não leva a nada. Os acontecimentos futuros dormitam nas potencialidades latentes dos passados esforços não concretizados plenamente. "E, no Infinito onde subiu, a 'Aventura' feita 'Messianismo', penetrou-se de vigor celeste; e rasgando o nevoeiro da manhã, reaparece na terra (...) :a lembrança do passado, iluminada de esperança, prometendo a nova era." (2) Outro mito fundador e ibérico: "INÊS DE CASTRO I & II":

INÊS DE CASTRO (1ª. Versão)

Acordar...
Erguer a lousa sem D. Pedro ouvir...
E dizer às donzelas que o luar
É o aceno do noivo que há-de vir...

E que, na morte, o amor
Se levanta e caminha.
Que é um outro sol a dar outro calor.
Outra mulher amada a ser rainha.

E que não sou Constança ou Mariana.
Porque o meu nome verdadeiro é Inês.
Que sou a Julieta Castelhana
Do Romeu português.

INÊS DE CASTRO (2ª. Versão)

Antes do fim do mundo, despertar,
Sem D. Pedro sentir,
E dizer às donzelas que o luar
É o aceno da amado que há-de vir...

E mostrar-lhes que o amor contrariado
Triunfa até da própria sepultura:
O amante, mais terno e apaixonado,
Ergue a noiva caída à sua altura.

E pedir-lhes, depois, fidelidade humana
Ao mito do poeta, à linda Inês...
À eterna Julieta castelhana
Do Romeu português.

Houve uma grande evolução poética da primeira versão de Inês de Castro para a segunda; verificamos que Miguel Torga ganhou maior subtileza na expressão, maior consciência que tem um público atento; há realmente maior firmeza rítmica nos versos e maior precisão vocabular. A ideia principal, contudo, não se desvirtuou: o amor vence a morte. Desenvolve-se nestes dois poemas toda uma teoria torguiana e bem portuguesa do amor e da morte. O sentido da transcendência, de amar para além da morte e com um amor ainda mais perfeito, amplia a noção de indivíduo à noção de pessoa, esta ganhando o direito de ser única e insubstituível, isto é, imprópria à aplicação de uma pena que a exclua da vida. Qualquer sistema de Direito, do qual se deduza a pena de morte, deixa de realizar o princípio de justiça e não é propriamente um sistema de direito; qualquer moralidade que admita a legitimidade da pena de morte, seja em que circunstâncias for, não obedece ao princípio do Bem e não é verdadeiramente uma moralidade. Assim ganha sentido o "mito do poeta", o amor à Vida e à Verdade. O Amor passa a ser a Terceira Pessoa da Trindade Amante e os amantes não se pertencem pois são do seu Amor morrendo nas suas personalidades. "Morrer é pertencer a outrem", dirá Fernando Pessoa. Na figura cada vez mais luminosa e, no entanto, de contornos cada vez mais indefinidos da Mulher-Mito, Miguel Torga projecta toda a sua ansiedade psicológica e social, toda a sua dimensão de sonho, toda a sua aspiração religiosa e mítica a uma plenitude de Ser. cremos oportuno citar aqui o poeta do Saudosismo, embora Torga seja menos vago na sua concepção de Amor e Imortalidade:

"Os beijos que te dou,
Hás-de senti-los, sim,
Doce mulher de outrora.
Ó roxo lírio de hoje,
Ó nuvem actual!

Como dantes teu rosto,
A rosa ainda hoje cora,
Beijo-te, sim, beijando
A rosa virginal.
Teu espectro divaga.
Ao longo dos espaços,
Teu amor, feito luz,
Desce do Firmamento.
Se abraço um verde tronco,
Eu sinto, entre os meus braços,
Teu corpo estremecer,
Como uma flor ao vento." (1)

Perdido para sempre o ser que amamos dá-se o regresso pela recordação na saudade a cada instante. Aparece-nos miraculosamente em tudo que nos rodeia, desde o céu que se torna a tela onde o seu rosto se inscreve, até à terra que dá corporidade ao seu fantasma. O último degrau deste paciente e muito surpreendente trabalho de exumação do ser amado perdido tem já lugar dentro de nós, no momento extremo e coincidente em que o amado deixa de ser percebido como outro, outro em si ou outro nos outros, para ser percebido, num silencioso grito de alma, como eu próprio. No caso de D.Pedro e D.Inês, extremo, eu sou outro e o outro sou eu, adrogina paradisiaca em que as criações interiores substituíram por completo as da realidade exterior que é sentida como produtora de sem-sentidos. A impossibilidade real de fusão é dor e alegria, separação e reencontro, morte e vida para além da morte. Opera-se a conversão da consciência do múltiplo no Uno, para lá de toda a cisão (2).

(1) Teixeira de Pascoaes.

(2) A "Visão unívoca" de José Marinho em Teoria do Ser e da Verdade.

Assim pudesse D.Inês ter reinado viva. Sabemos como é aflitivo para Torga este inquieto pressentir do futuro do passado; tudo aponta para a união dos povos segundo a bondade do coração, mas ainda não se vislumbra, na prática, o delinear das políticas da compaixão. Torga, no entanto, consegue presentificar um futuro de entendimento e união segundo interesses e afectos racionalizados. Só assim compreendemos esta visão de Espanha em afirmações de Torga como esta: "Sou, pela graça de Deus, Ibérico!". Mas, noutra ocasião afirmara: "fico com o iberismo todo aos saltos" porque se tinha magoado durante uma caçada do outro lado da fronteira. Durante os anos da década de 40 há no DIÁRIO referências a leituras de escritores espanhóis que Torga admira por serem capazes de viver sem hipocrisia; Miguel de Unamuno é o autor espanhol mais referido: "Tudo está em aprender a seguir a grande lição do velho mocho de Salamanca. Fincar primeiro, amorosa e obstinadamente os pés na terra esbraseada da Ibéria; e, com ela na sensibilidade e no entendimento, olhar então num movimento de natural e humana curiosidade para o que se passa do outro lado do muro." (1) Os Pirinéus são assim considerados a fronteira norte natural da Península de D.Quixote: a Península Ibérica é diferente do resto da Europa: "Sol, uma luz maravilhosa inunda esta muralha que defende o meu Senhor D.Quixote das tentações da Folies Bergères." (2) Aqui, na nossa Península as pessoas parecem-lhe mais carinhosas que na Europa protestante. Quando tem que viajar afirma: "Ao partir, contra a minha própria unidade, ~~trago~~ escondido na maior fundura de mim o desejo de abrir, ao lado do postigo ibérico que me revela a vida, amplas e europeias janelas. Afinal, quanto mais corro, mais cercado me sinto de muros e de penumbra. O que levo daqui é uma espécie de luar gelado, que não serve de nada na minha quente noite peninsular." (3)

(1) DIÁRIO, p.156; (2) Impressão de uma viagem à França e à Bélgica em 1937; (3) DIÁRIO, pp. 42/3.

Quem chega do norte da europa, ao entrar em Espanha já se sente em casa. Contudo: "Olho daqui. Vejo, de facto, serras com restolhos de centeio e trigo (...) uma natureza evidentemente de calhaus, de ervas, de sol, mas onde tudo diz D.Filipe, quando eu digo D.Sebastião." (1)

A Ibéria é mais para meditar que para descrever... Subir à visão poética pela graça de Torga... mas sentimos que cada vez que citamos uma frase do poeta fica mais escondido que dito na sugestividade da associação de termos abstractos e concretos, na leveza do jogo irónico subtil. Fora do seu natural envolvimento tão frio e afectivo, as frases das citações não dizem quanto disseram ou, pior, dizem o que não disseram. Ibéria, rodeada de mares e de montanhas, sangue que chama pela terra, raça nobre que convoca seu povo a novas tenacidades, descobertas silenciosas, deslumbrantes; o sol místico brilhando à meia-noite, luar da prata puída do escudo de D.Sebastião, Rei do Mistério... Na escrita de Torga, estilo ora quente e sensual, ora arrebatado e místico, Espanha aparece pelo lado afectivo, afirma-se pelo contraste com o resto da Europa e consubstancia-se nas páginas de DIÁRIO em crónicas intimistas mas universais na problemática que suscitam, impressões reveladas sobre os nossos vizinhos ibéricos.

Quando Torga dedica a tradução castelhana de "Os Bichos" aos irmãos espanhóis faz do panteísmo uma especificidade da nossa maneira de ser e de estar e adverte que é necessária a visão da criança para compreender as falas dos animais. Portugal e Espanha apresentam "um contraste tão aparente que só olhos experientes não caem no seu engano. Florimos a mesma verdade em cores diferentes." Nós somos mais saudosistas e os nossos vizinhos são mais místicos mas ambos havemos de chegar ao pleno conhecimento "aqui nesta nossa Ibéria, carregada de sol e de tristeza." (2)

(1)DIÁRIO, p.231.

(2)DIÁRIO, p.139.

"Quando quiser, abro a porta e vou arejar..." Torga esteve preso e outras vezes impedido de sair de Portugal; muitas vezes sente a falta dos grandes museus de Madrid e comenta: "O ser humano pode aguentar enormidades concretas, desde que sonhe alívios abstractos. O que ele não pode viver é sem nenhuma esperança. Mesmo que seja só a esperança de fugir..." (1) Espanha simboliza a fuga, os ares mais lavados culturalmente. Em 1950 Torga busca refúgio em Espanha embora saiba que "o mundo é redondo". Regista impressões de Castela: "Nela, a grande sede não se mata nas fontes... Sacia-se abrindo mais as veias, secando no coração da nascente a lembrança líquida de qualquer frescura": grandezas com que Espanha nos confunde e "essa grandeza tem-na a Espanha, faminta, esfarrapada, a arder em febre desde que nasceu." (2) Em Sevilha (1951): "Uma espécie de vida eterna em rodagem, num paraíso experimental!" (3) Impressões originalíssimas que nos enchem de encanto, surpresa e, por vezes, horror: "Quanto mais convincente do que a decomposição dos cadáveres não é a sua incorruptibilidade de fantasmas!" (4) Às portas de Olivença (1954) Torga sente a terra "murchar longe da pátria, o burgo mirrar-se de melancolia"; nesta escrita assim saudosa há "memória que subterraneamente luta e persiste". Primeiro sentimo-nos sós e depois sentimo-nos ibericamente enriquecidos com a presença grandiosa dos nossos vizinhos: "Queria era sentir-me ligado a um destino que não acabasse com a última pancada do coração..." Quebre-se o encanto e vivamos para sempre... ibericamente. Não se morra - No se muerá! Com coragem e humildade se vai travando o bom combate: "Em certas horas, as próprias palavras com que tentava traduzir a angústia me pareciam falsas ou fúteis. Mas não tinha outras armas para combater. E fazia delas pelouros (...) aquela luta, para mim, não era de ganhar ou perder, mas de viver ou morrer." (5)

(1) DIÁRIO, p.469; (2) DIÁRIO, p.483; (3) DIÁRIO, p. 532; (4) DIÁRIO, ~p.542.

(5) A CRIAÇÃO DO MUNDO, pp. 211/12.

Nada fica igual no iberismo depois de Oliveira Martins, Miguel de Unamuno e Miguel Torga. "Há uma filosofia espanhola, meu D. Quixote? Sim - a tua, a filosofia de Dulcineia, a de não morrer, a de acreditar, a de criar a verdade. E esta filosofia não se aprende em cátedras nem se expõe por lógica indutiva nem dedutiva, nem surge de silogismos, nem de laboratórios, mas sim do coração.",⁽¹⁾ afirma Unamuno sobre o nosso peculiar enfoque do pensamento em carne viva. Os traços mágicos do perfil da Ibéria são fruto de um conjunto de ideias fortemente ligadas a palavras enérgicas. Há que ler os poetas portugueses e espanhóis para aprender a falar. São enunciados verbais próprios e inconfundíveis que nos dão ser. As sonoridades ressoam vibrantes, épicas, formam um espírito combativo que nos ergue e dignifica: é o pensamento que cria a realidade servindo-se dos símbolos como intermediários ou enviados de Deus no Verbo: "Ibéria. Foi a conversa da noite. Uma Ibéria que afirmei convictamente aos meus interlocutores ser um verdadeiro continente pela singularidade da sua fisionomia física, rática, idiomática, cultural, económica e política. Mais do que um conglomerado de regiões, um conjunto de nações unidas pela mesma fatalidade geográfica e por uma teia de cruzamentos históricos, mas tão vincadamente originais que as fronteiras de cada uma, mais do que no mapa, estão traçadas na alma de cada filho. Portugal que o diga." ⁽²⁾ Analisar o pensamento ou só os poemas "Ibéricos" importa-nos para confirmar e resolver o problema de saber se a ideia de Espanha é geradora de escrita comprometida e futurante em Miguel Torga. As coisas sérias não estão divididas; o olhar humano parcializa tudo mas a visão da alma reunifica; assim chega-se ao ser e não ser, ao ser encanto ser ibérico...

(1) VIDA DE DON QUIJOTE, p.489.

(2) DIÁRIO, p.1377.

Voltemo-nos então para os "Poemas Ibéricos" para analisarmos um por um os seus textos segundo os parâmetros da sugestividade, expressividade da linguagem e tratamento do tema da Ibéria. Quando houver diferenças grandes em relação a "Alguns Poemas Ibéricos" faremos uma análise comparativa.

"I B É R I A

Terra.

Quanto a palavra der, e nada mais.

Só assim a resume

Quem a contempla do mais alto cume,

Carregada de sol e de pinhais.

Terra-tumor-de-angústia de saber

Se o mar é fundo e ao fim deixa passar...

Uma antena da Europa a receber

A voz do longe que lhe quer falar...

Terra de pão e vinho

(A fome e a sede só virão depois,

Quando a espuma salgada for caminho

Onde um caminha desdobrado em dois).

Terra nua e tamanha

Que nela coube o Velho-Mundo e o Novo...

Que nela cabem Portugal e Espanha

E a loucura com asas do seu Povo."

Mãe perene da geração espiritual que, imortalizada, refluí a fecundar o seu ventre cósmico e anímico, a Ibéria revelada em "poemas Ibéricos" apresenta a sua natureza profunda. Ela exprime a pura aspiração das Virtualidades materiais e maternais do ser à actualização plena, como o reflexo já úbere e genesíaco da irradiante imobilidade do espírito, na correlação e casamento do Eterno com o que, perene em toda a natureza, a ele tende. Matriz ou Mátria-Ibéria da infinitização dos entes, a Ibéria revela-se-nos o lugar universal da Alma, onde a sensação, o sentimento e a imaginação criadora operam a conversão da consciência do múltiplo no Uno na mediação vivencial que religa a individualidade empírica à universalidade atemporal do Absoluto. A Ibéria recolhe as energias das duas nações que a compõem, aproveita-as e coagula-as na loucura dos seus povos.

Como poema de abertura do livro mostra o pendor telúrico do mesmo e, na sua linguagem impulsiva de sonoridades rudes, anuncia o tom geral da obra: nasceu em tumulto, irrompeu como a lava; o que perde, talvez em estética, ganha em emotividade directa. A própria "loucura com asas" vai presidir à organização livre desta compilação de poemas sobre a Ibéria, terra que se deseja una, diferente e impositiva em relação à restante Europa, menos sensível à "voz do longe". A Europa progride civilizacionalmente de Ocidente para Oriente. Teremos que interpretar os textos deste livro sabendo de antemão que eles foram "improvisados" humanamente em chaga rubra de sinceridade: "Temos de compreender que para o nosso Torga escrever nunca foi fácil e antes uma actividade dorida. Através da maioria das suas páginas podemos verificar que, mesmo, ou sobretudo quando escreve, é um torturado em busca de perfeição." (1) Notamos neste poema-pórtico a repetição da palavra TERRA no início de cada estrofe mas com variantes especificadoras e cada vez mais expressivas; a ideia de sofrimento liga-se à própria terra que nos sustenta: TERRA-TUMOR-DE-ANGÓSTIA, terra ser vivo e penitente...

(1) Cadernos do Tâmega, II - Miguel Torga, o Homem e o

A T E R R A

Como ondulada capa de miséria
A cobrir de negrura a cor das chagas,
Assim és tu, crosta de velhas fragas
Sobre o corpo da Ibéria.

As comparações da terra com o corpo de um pedinte cheio de feridas
mostra expressivamente como a nossa terra é pobre e sofredora, como
as pessoas vivem de uma economia de sobrevivência, agarradas ao
destino da terra, mãe pobre de gente pobre... A Ibéria profunda está
actualmente revestida de miséria e abandono.

A R A Ç A

Enxame rumuroso num cortiço
De paredes de espuma,
Que tropismo secreto e movediço
Trouxe da bruma
A abelha-mestra que o começou?
Que carinhoso aceno
Lhe faria este chão, seco e moreno,
Onde com asas de ilusão pousou?

Talvez que no silêncio lhe dissesse
Que só daqui, materna, poderia
Embarcar o enxame
Que nascesse,
No velame
Doutra ilusão que o tempo lhe daria...

A expressividade deste poema está na comparação do povo com as abelhas de um cortiço trabalhador e ordeiro. A mãe que nos fundou veio da bruma secreta e escolheu esta terra por causa de ter adivinhado que mais tarde seus filhos haviam de partir por esse mar imenso apinhados em barcos de aventura, em busca de novas ilusões que o tempo faria perder. A raiz matriarcal da raça liga-se à sugestividade dos cultos antigos da Terra-Mãe que tudo dá e tudo leva sem piedade...

F A D O

Tem cada povo o seu fado
Já talhado
No livro da natureza.
Um destino reservado,
De riqueza
Ou de pobreza,
Consoante o chão lavrado.

E nada pode mudar
A fatal condenação.
No solo que lhe calhar,
A humana vegetação
Tem de viver, vegetar,
A cantar
Ou a chorar
Às grades dessa prisão.

Neste poema está bem patente a consciência da queda, da separação do Uno Original. Sugere-se que nos coube em sorte uma terra pouco produtiva a que nos temos de amoldar iludindo as grades da prisão num canto/choro resignado, como quem vegeta para viver. O destino humano é sobreviver: cuidar da alma sobretudo e do corpo apesar de tudo. Também é interessante realçar a concepção fatalista de Miguel Torga em relação à nossa vida e à vida mais concreta da Ibéria (não se nasce impunemente nestas terras). O homem tem que assumir a sua condição insofismável de penitente à face da terra que lhe tenha cabido à nascença em herança de punição.

A V I D A

Povo sem outro nome à flor do seu destino;

Povo substantivo masculino,

Seara humana à mesma intensa luz;

Povo vasco, andaluz,

Galego, asturiano,

Catalão, português:

O caminho é saibroso e franciscano

Do berço à sepultura;

Mas a grande aventura

Não é rasgar os pés

E chegar morto ao fim;

É nunca, por nenhuma razão,

Descrer do chão

Duro e ruim!

A mística da Terra é um pulsar anímico multímado, uma reflexão partilhada: dilatação/contracção comandadas pela sobrevivência esperançada neste "chão/duro e ruim". Eis aqui o cadinho peninsular

onde se fundem e purificam as ideias geradoras de vida e vida ibérica; onde o chumbo da descrença se transforma laboriosamente em refulgente crença, dourada esperança redentora. Para a construção deste futuro ibérico Miguel Torga propõe um novo franciscanismo telúrico e espiritual. Os "Poemas Ibéricos" situam-se, assim, entre o indicativo do ser e o imperativo do dever, em modos irreais concretos da Arte, cuja palavra inspirada existe para completar e redimir a Natureza.

O P Ã O

De sol a sol, o arado lavra a terra.
De sol a sol, cai o suor ao chão.
E como cada gota é um grão
Da sementeira,
É puro sofrimento que, à torreira
Da futura colheita,
Ceifa, malha e peneira
A fome insatisfeita.

Este poema é uma bela síntese dos trabalhos com o trigo que nos dá o pão de cada dia conquistado com muito suor e sacrifício. Apesar do "puro sacrifício" a fome fica insatisfeita. O autor realça mais uma vez a dificuldade da sobrevivência na Ibéria de grande canseira.

O V I N H O

Sumo das pedras, colorida fonte
Onde Narciso se não pode olhar,
É nela que se tenta embebedar,
Nas horas de mais negro sofrimento,
O pobre e atribulado sentimento
De solidão,

Que vive incompreendido

E ressentido

Em cada coração.

Da sua solidão marginal, Torga exemplarmente convoca e concita; o pão e o vinho são o sustento minguido dos pobres, o pouco que se consegue extrair de um solo árido e pedregoso. A pouco e pouco, sob o efeito do álcool ou da solidão ressentida, vislumbram-se no horizonte flutuante de secura miragens...

A M I R A G E M

Num deserto de areia ou de incerteza

O desejo desenha.

Fantasia um fantasma, que lhe venha

Acudir.

Qualquer Preste João,

Também cristão,

Mas rico e generoso,

Que, depois do mar largo e tormentoso,

Possa abrir

As arcas da canela e da pimenta

Aos seus irmãos

Cristãos,

Que a terra natural já não sustenta.

Aqui Miguel Torga insinua que os navegadores partiram para espalhar o cristianismo mas também para tirarem proveito dessas viagens; junta-se o útil ao agradável...

A ideia que a terra não é capaz de produzir o suficiente para manter os seus filhos repete-se. Há um certo tom irónico na ligação entre o cristianismo e o negócio; são miragens que buscamos

Miguel Torga sugere que as aventuras do futuro terão que ser mais desprendidas. O messianismo do povo português é criticado pois faz com que estejamos sempre à espera que nos salvem e não fazemos nada ou quase nada por isso. Começa agora a História Trágico-Marítima:

S A G R E S

Vinha de longe o mar...

Vinha de longe, dos confins do medo...

Mas vinha azul e brando, a murmurar

Aos ouvidos da terra um cósmico segredo.

E a terra ouvia, de perfil agudo,

A confidencial revelação

Que iluminava tudo

Que fora bruma na imaginação.

Era o resto do mundo que faltava

(Porque faltava mundo!).

E o agudo perfil mais se aguçava,

E o mar jurava cada vez mais fundo.

Sagres sagrou então a descoberta

Por descobrir:

As duas margens da certeza incerta

Teriam de se unir!

A terra e o mar unem-se em cósmicas núpcias na ponta de Sagres; então o mar revela à terra os seus segredos do fim e dissipa-se a bruma de imaginações tenebrosas. O pensar é o princípio de todas as largadas que se preparam. A loucura aparente da Arte de Filosofar é que nos arranca às prisões habituais do espaço e do tempo e nos redime. Seria

triste o viver se a condição humana fosse a única forma concebível
ou possível de existência para quem vive de pensar.

A L A R G A D A

Foram então as ânsias e os pinhais
Transformados em frágeis caravelas
Que partiam guiadas por sinais
Duma agulha inquieta como elas...

Foram então abraços repetidos
À Pátria-Mãe-Viúva que ficava
Na areia fria aos gritos e aos gemidos
Pela morte dos filhos que beijava.

Foram então as velas enfunadas
Por um sopro viril de reacção
Às palavras cansadas
Que se ouviram no cais dessa ilusão.

Foram então as horas no convés
Do grande sonho que mandava ser
Cada homem tão firme nos seus pés
Que a nau tremesse sem ninguém tremer.

Trata-se de uma paráfrase evidente do episódio da "praia das lágrimas"
de "Os Lusíadas" com alusões às pessoas que ficavam na praia e à fala
do Velho do Restelo... "A terra nativa seria sempre um reduto matri-
cial, mas os seus limites não tolheriam os voos da inquietação(...)
Nela teria de me cumprir, a ser ao mesmo tempo cidadão de aquém e
de além das suas fronteiras." (p.437 de "A Criação do Mundo").

Na evolução e refinamento da expressão poética nas duas versões de "Largada" pressentimos uma conscientização mais subtil da necessidade de reacção à rotina que embota o sonho de existir. Há um desengano maior na segunda versão do poema, por causa do desgaste das próprias palavras. As secretas correspondências entre a nossa vida e o nosso destino entram em decadência quando inseridas na temporalidade e perdem o sentido cósmico superior. Confundem-se prosa e poesia, modo lírico e modo épico, primeira pessoa e terceira pessoa para que se instaure na escrita, com a cumplicidade do escritor, o instante que não acaba. Assim, o verdadeiro "autor" de um poema é a linguagem e por isso a visão simbólica nos surge como quase profética plena de Graça. A poesia de Torga procura a intersecção dos tempos, o ponto de convergência dos antigos construtores de catedrais. Esta largada é já um regresso, uma desilusão dorida, esvoaçar da Presença no breve instante da sua aparição-desaparecimento: "e não vimos mais, enfim, que mar e céu...". E "a agulha a tremer dava sinais/ Do caminho a seguir ser o da sorte".

À E S P E R A

E a expedição partiu.

Partiu, e o coração da mãe parou.

E parado de angústia assim viveu

Enquanto a caravela não voltou.

A saudade que nos resta e redime é como uma Mãe à espera sem saber se o filho voltará; vago pressentimento de desgraça mas a espera e o Amor transfiguram e tudo é Sombra do Futuro para sempre...
Aos ais angustiados são as presenças certas das eras mortas que ressurgem, são estes versos fundos de moradas vagas em símbolos fortes de memória surda, sílabas mortas de palavras vagas...

O REGRESSO (1ª. Versão):

"La vem a Nau Catrineta
Que tem muito que contar.
Ouvi, agora, Senhores
Uma história de pasmar..."
A Mãe correu à varanda
E ficou horas a olhar.
Mas os seus olhos disseram
Que era um ceguinho a cantar:
"Passava mais de um ano e dia
Que iam na volta do mar.
Já tinham que comer.
Já não tinham que manjar..."
A Mãe quando tal ouviu
Rezou e pôs-se a chorar,
Porque a sola era tão rija
Que não a puderam tragar...
"Deitam sortes à ventura
Qual se havia de matar".
(A Mãe tinha pão na arca
E não lho podia dar!)
"Logo foi cair a sorte..."
(Que sorte tão singular!)
O gajeiro olhava, olhava.
Mas só via céu e mar.
A Mãe chorava e gemia.
O vento norte a soprar,
E o gajeiro lá no topo
Do mastro grande a sondar...
"Alviçaras, Capitão..."
E a Mãe sem reparar
Se era o gajeiro na gávea,
Se era o ceguinho a cantar!
"A minha alma é só de Deus.
O corpo dou-o eu ao mar..."
E a Mãe a dizer que sim,
Com a sua mão a acenar...
"Deu um estoiro o demónio.
Acalmaram vento e mar."
E quando o cego acabou
Estavam em terra a varar...

O REGRESSO (2ª. Versão):

"Lá vem a nau Catrineta
Que tem muito que contar.
Ouvi, agora, senhores
Uma história de pasmar..."
A Mãe correu á varanda,
Bem longe de imaginar
Que o alarme desejado
Vinha dum cego a cantar:
"Passava mais de um ano e dia
Que iam na volta do mar,
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar..."
A Mãe abriu num soluço
O coração a sangrar.
Porque a sola era tão rija
Que a não podia tragar...
"Deitam sortes á ventura
Qual se havia matar".
(A Mãe tinha pão na arca
E não lho podia dar!)
"Logo foi cair a sorte..."
(Que sorte tão singular!).
O Gajeiro olhava, olhava,
Mas só via céu e mar
- Um céu distante e vazio.
E um largo e vazio mar...
"Alviçaras, Capitão..."
E o vento a enrodilhar
A voz do homem da gávea
Na do ceguinho a cantar!
A Minha alma é só de Deus,
O corpo dou-o eu ao mar..."
A Mãe, que nada podia,
Ja só podia rezar .
"Deu um estoiro o demônio,
Acalmaram vento e mar."
E quando o cego acabou
Estavam em terra a varar...

A literatura é ficção não porque se recuse de algum modo a reconhecer a realidade, mas porque não é, "à priori", certo que a linguagem funcione de acordo com os princípios que são os do mundo fenomenal. Não é, pois, certo "à priori" que a literatura seja uma fonte fidedigna de informação acerca seja do que for, senão da sua própria coerência. A cantiga do cego evoca a "Nau Catrineta" e os relatos da História Trágico-Marítima, mas é, ao mesmo tempo a cantiga de todas as naus que não partiram ainda e por isso não tiveram regresso. Hão-de voltar nos versos dos poetas, sempre que o sonho quiser...

A fusão da realidade com a ficção é bem visível nas duas versões do poema "Regresso"; na segunda versão é o vento que enrodilha e liga, o sopro do espírito a conduzir misteriosamente o fluir dos acontecimentos. O alvoroço antigo do regresso a casa está esvaziado de emoção e recoberto de espesso véu de desilusão. Perdida a aventura sem a vida, tudo parece vazio e sem sentido à beira da praia, fitando o mar.

O A C H A D O

Traziam nova terra e nova luz
 Nos românticos olhos lusitanos;
 E uma cruz
 Que depois carregaram largos anos.

Traziam todo o anseio que os levou,
 E que nenhuma Índia satisfizesse.
 E traziam a fé que lhes sobrou
 Da fé sem fim dessa primeira vez.

Traziam a promessa de voltar
 A ver se a cor do sonho se mantinha:
 O puro azul de que se veste o mar
 Quando o fim da aventura se avizinha...

Neste poema os marinheiros/símbolos são comparados a crianças que descobriram a maneira de desmontar um brinquedo e que o abandonaram depois, desiludidas ou simplesmente desinteressadas; depois da descoberta e da recompensa, acha-se outra vez a insatisfação e o desencanto amadurecido da vida; assim ficam os sonhos até que alguém se amerceie deles e os reerga a novas alturas, para além da dor e da amargura. Há sempre uma ressaca depois da hora da magia.

T O R M E N T A

Noite medonha, aquela!

O mar tanto engolia a caravela

Como a exhibia à tona, desmaiada!

No abismo do céu nem uma estrela!

E a cruz de Cristo, a agonizar na vela,

Suava sangue sem poder mais nada!

A fúria cega dum tufão raivoso

Vinha das trevas desse Tenebroso

E varria a quimera do convés...

O mastro grande que Leiria deu

Era um homem de pinho, mas caiu

Quando um raio o abriu de lés a lés...

Novo guarda dos rumos da Nação,

O piloto guiava a perdição

Como um pai os destinos do seu lar...

Até que o lar inteiro se desfez.

Até que ao pai chegou também a vez

De fazer uma prece e descansar...

O gajeiro sel gávea, dessa altura
Que a alma atinge ao rés da sepultura,
Ollhou ainda a bruma em desafio...
Mas a Sereia Negra, que cantava
No coração do mar, tanto chamava,
Que ele deu-lhe aquele olhar cansado e frio.

O naufrágio alargou-se ao mar inteiro.
E o corpo morto dum herói, primeiro
Cruzado da unidade deste mundo,
No dorso frio duma onda irada,
Mandou aos mortos, com a mão na espada,
Boiar o sonho, que não fosse ao fundo.

Este é quanto a nós o poema mais trágico e mais solidamente esperançoso
do livro: a desilusão não desespera, antes transcende a espera. Os
versos são predominantemente decassílabos e sóbrios e sugerem
epopeia negra de naufrágio na noite.

M A R

Mar!

Tinhas um nome que ninguém temia:
Era um campo macio de lavrar
Ou qualquer sugestão que apetecia...

Mar!

Tinhas um choro de quem sofre tanto
Que não pode calar-se, nem gritar,
-Nem aumentar nem sufocar o pranto...

Mar!

Fomos então a ti cheios de amor!

E o fingido lameiro, a soluçar,

Afogava o arado e o lavrador!

Mar!

Enganosa sereia rouca e triste!

Foste tu quem nos veio namorar,

E foste tu depois que nos traíste!

Mar!

E quando terá fim o sofrimento!

E quando deixará de nos tentar

O teu encantamento!

Este poema mostra bem o desejo de regressar à terra, ao interior abandonado em busca de fama. É necessário e urgente regressar à nossa terra para descobrir as causas dos seus padecimentos: "esta toma de consciência sobre la amarga realidad de un país enfermo les lleva a procurar conocimiento profundo de las tierras y los hombres.", afirma Abellan em relação à Geração de 98 espanhola na sua "Antologia del 98". Tudo é possível ainda ~~sese~~ aproveitarem as energias internas do país. Para transformar-se na essência da sua verdadeira dimensão ontológica o homem ibérico terá de assimilar a energia da Terra e deixar-se de "miragens" tentadoras e perigosas, sair daquele estado de "España que pasó y no ha sido".

Vejamos agora a escolha de HERÓIS proposta por Torga para a Ibéria.

V I R I A T O

No princípio era o Verbo e a sua fome.

Depoi,

O Verbo olhou-se e reparou nos dois

Que trazia no ventre do seu nome.

Contos largos da vida...

Tudo começa nebuloso e oculto.

Cada forma a nascer, já perseguida

Pela sombra incorpórea do seu vulto.

Pastor de ovelhas, simples criatura

A pintar de infinito a sua tela,

O rebanho que eu tinha era a brancura

Dessa inocência original, singela.

No impreciso azul é que eu morava,

Emigrado feliz da minha ausência.

Longe do berço quente que pisava,

Realizava a humana transcendência.

Mas nisto um lobo astuto e desmedido

Uivou ao meu destino em voz de guerra;

E eu de repente ouvi o teu gemido

Dentro de mim, transfigurado em terra!

O meu nome de ibero é Viriato.

O princípio de ti, ó Mãe, sou eu.

Eu é que fiz o acto

O príncipe da identidade lusitana ameaçado pela Roma estranha, o princípio da luta pela liberdade da terra que pisamos dignamente. Viriato, lendário pastor visionário das alturas da Serra da Estrela, é o herói-símbolo que assume a voz do discurso a partir da terceira estrofe do poema. Quanto a nós a ideia-chave deste poema e da Ibéria de Torga encontra-se nos últimos versos da última estrofe: não pode haver identidade nem espiritualidade verdadeira sem uma terra concreta para pisar e venerar; o génio de Torga é carnal, primeiro, e espiritual, depois.

SÉNECA (1ª. Versão)

Antes da loba tive mãe humana,
Mística mulher peninsular.
Cordovesa, galega e lusitana,
Que a terra estava ainda a levedar.

Foi ela, a minha madre, que mandou
Que eu tivesse destino
De ser só uma vez isto que sou:
Moralista espanhol e trágico latino.
Com sede de universo e salvação,
Ensinou-me a sofrer, a meditar, e quis
Que eu fosse a Roma sangrar o coração,
Para exemplo futuro da raiz.

SÉNECA (2ª. Versão)

Antes da loba tive mãe humana.
E desse ventre cordobês amado
Recebi o legado
De que Roma se ufana:

A severa moral,
O estoicismo teimoso da vontade,
E o alto ideal
Duma pobre e cristã fraternidade...

O mais, a toga e o acto suicida
imposto pela dura tirania,
Foi o cenário que na minha vida
A tragédia pedia.

Verificamos neste poema que houve uma profunda reestruturação da linguagem e das ideias na passagem da primeira para a segunda versão. As frases tornaram-se mais herméticas, sóbrias, procurando evitar a turbulência do primeiro ímpeto criativo; Sêneca abre esta pequena lista de figuras mitológicas ibéricas, mistura de crenças variadas e amadurecidas com o tempo: a Ibéria de Torga parece um Olimpo povoado de divindades amigas e imortais para os iberos cultos. A palavra poética baseada na imaginação é uma palavra fundadora de realidade. Precisamos de acreditar com todas as nossas forças intelectuais nas nossas forças morais para que nasçam os nossos heróis de novo em nós.

O C I D

Vinha a manhã nos longes do futuro,
Mas a noite da Ibéria era cerrada;
Fiz então sol brilhante e prematuro
Do aço limpo desta minha espada.

E fui à sua luz abrasadora
O primeiro Quixote conhecido:
Uma presença heróica e redentora
A que o tempo, acordado, deu sentido.

Toda a pátria é o aberto descampado
A um abraço de amor.
Tinha o sonho de ser principiado...
Foi-o por mim, Cid Campeador.

Que luz é essa que desponta assim, ignota mas essencial, no coração
mesmo das trevas?

Há uma correspondência entre a Ibéria que é a espiritualização duma terra e a liberdade, sublimação da autoridade. Com a criação poética da Ibéria metafísica, temos a certeza de tocar na realidade, unindo-a de extremo a extremo. Ibéria, a liberdade exemplar, realiza a promessa de unidade. A autoridade aumenta na liberdade como a Terra se alarga no Céu. A Sombra, face baça e lunar da existência, é o contexto expectante e protector da aparição da Ibéria redimida, una. Unem-se D.Pedro e D.Inês, D.Filipe e D.Sebastião num só Império...

NUN' ÁLVARES (1ª. Versão)

Não é lança que possa
A que defende mundos que não são
Coisa nossa
Cá da raiz do coração.

Tem altura de sonho aquele outeiro
Onde a nossa choupana
À sombra duma cruz e dum sobreiro
Fumega eternidade humana.

É da pátria o calor
Que leva o fermento da epopeia:
Como um rio de amor,
Cai o sangue a cantar de cada veia.

E é do céu a terrena.
Pobre e humilde prece,
Que branca e leve como leve pena
Se despede, serena,
Do já cansado corpo que adormece.

NUN' ÁLVARES (2ª. Versão)

Pátria - é um palmo de terra defendida.
 A lança decidida
 Risca no chão
 o Tamanho do nosso coração,
 E todo o inimigo que vier
 Tem de retroceder
 Com a sombra da morte no pendão.

Eu assim fiz,
 Surdo às razões da força e da fraqueza.
 (A liberdade não discute os meios
 De se manter).
 Mais difícil era a empresa
 Que a seguir comecei:
 Já sem cota de malha, combater
 Por outro Reino e por outro Rei!

São dois poemas completamente diferentes, reveladores do amadurecimento épico de Torga. Nota-se na segunda versão, com muito mais nitidez, a preferência pelo caminho ascético e reconhece-se muito maior coragem na segunda luta travada por D. Nuno. A busca da pureza espiritual e da libertação da condição humana transitória é posta em verso com linguagem " grandíloca e corrente" de maneira que todos possam entender e manter vivo o culto nacional ao Beato Nuno de Santa Maria que nos guia.

Entre o passado emaranhado e o futuro desabitado, a poesia é o presente. A re-produção é uma apresentação. No 'agora' a nossa morte não está separada da nossa vida: são a mesma realidade, o mesmo fruto da nossa imaginação tumultuosa e livre. Somos afinal as nossas próprias formas pensadas, fumosos nadas entretecidos em sonhos.

"Quando a primeira lágrima aflorou
 Nos meus olhos, divina claridade
 A minha pátria aldeia alumiou
 Duma luz triste, que era já saudade.
 Humildes, pobres cousas, como eu sou
 Dor acesa na vossa escuridão...
 Sou, em futuro, o tempo que passou;
 Em mim, o antigo tempo é nova idade.

(Pascoaes)

O INFANTE (1ª. Versão):

cabo de mim, homem de fraga, ou sonho,
Sagres humano com raiz no mar,
Ainda hoje, medonho,
No mesmo sítio a olhar:

Eu,
Terra que te gerei,
Chamo-te em vão de mim, do que é mais teu,
E tu cego e fiel a outra lei!

Cego e com algas nessas veias frias,
Onde o sol da epopeia se cansou!
Cego, a contar as ondas, naus vazias
Da fé no império que as carregou!

Cego, meu filho, que não pode mais
Ninguém
Fazer de cavadores e de pinhais
Outra Ibéria no Além!

O INFANTE (2ª. Versão)

Na bandeira das almas há uma alma
Que pesa mais no prato da balança;
Irradia vontade e confiança.
E os seus olhos videntes
Iluminam os outros penitentes.

O além do mundo, embora mundo ainda,
É tenebroso.
E só o gênio animoso
Dum inspirado
Tem a coragem nova de enfrentar
O medo acomodado
Que não deixa passar

Segue ele à frente, pois, o espírito audaz,
Que só ele é capaz
De ir à frente e de ser o derradeiro.
Guia de todos os descobrimentos,
É sempre ele o gajeiro,
Com nomes vários nos vários momentos.

Como vemos, são dois poemas completamente diferentes, inspirados por circunstâncias distintas: inicialmente é a Mãe que chama pelo filho que a não ouve chamar, depois, como quem desenvolve um pensamento, Torga mostra o interior da alma do Infante, templo grandioso de coragem e recolhimento que a Terra não entende, mas que vai na frente e desfaz os medos ancestrais. Em ambos os poemas sobressai a ideia de reconstrução e coragem, descoberta e viagem, amor e redenção: Ibéria.

T O R Q U E M A D A

Há sempre um nome triste
Na longa vida de cada nação.
Um nome que resiste
Ao esquecimento,
E que é um sinal de atenção
Ao pensamento
E ao sofrimento...

O grande inquisidor recordado para que se não esqueça a lição do sofrimento, da perseguição.

O P R Í N C I P E P E R F E I T O

Um Príncipe Perfeito em Portugal,
Terra da imperfeição!
Que excessivo perdão
Pode ter quem é rei!
Na bainha do tempo, até o punhal
É uma arma leal!
Assim nela coubesse a alma que sujei...

Perfeito, eu ! Perfeito

Um rei que desposava no seu leito

O luto incestuoso da rainha !

Perfeito, eu, que tinha

Um herdeiro da esfera adivinhada,

E o vi morrer, humano,

Com asas de exaurido pelicano,

Às portas da aventura começada !

Perfeito, eu! Perfeito

Quem viu agonizar dentro do peito

A grandeza da vida e quanto fez por ela!

Incapaz, a cobarde caravela

Que mandei ao seu último destino,

Desatado o nó cego, masculino,

Que no sonho enlaçava

A soberba cintura de Castela,

-Que perfeição no mundo me ficava?

Pensei, lutei, matei - fiz quanto pude,

Mas em vão.

A quem Deus não ajude,

Tudo são Índias de desilusão.

Este belo poema sugere um exame de consciência póstumo, um acto de contrição em contradição com a história. D.João II confessa-se pecador e renuncia ao título de perfeição. Mais vale confiar em Deus que tentar alcançar o poder a pulso. "Mais vale quem Deus ajuda que quem cedo madruga."

BARTOLOMEU DIAS

Eu não cheguei ao fim.

Dobrei o Cabo, mas havia em mim

Um herói sem remate.

Quando os loiros da fama me sorriam,

Aceitei o debate

Do meu destino de predestinado

Com singelos destinos que teriam

Um futuro apagado,

Fosse qual fosse a glória prometida.

E sempre que uma nau enfrenta o mar e o teme,

E regressa vencida,

Sou eu que venho ao leme

Com a Índia perdida.

Nova confissão de um herói não cumprido, nova desilusão redimida em futuro prometido; Miguel Torga avisa os predestinados que não podem entrar em debates nem ter ~~hes~~itações nos momentos decisivos da sua/nossa vida. Bartolomeu Dias surge no horizonte como uma assombração da derrota, lastimoso e sombrio.

VASCO DA GAMA

Somos nós que fazemos o destino.

Chegar à Índia ou não

É um íntimo desígnio da vontade.

Os fados a favor

E a desfavor,

São argumentos da posteridade.



O próprio gênio pode estar ausente

Da façanha.

Basta que nos momentos de terror,

Persistente,

O ânimo enfrente

A fúria de qualquer Adamastor.

O renome é o salário do triunfo.

O que é preciso, pois, é triunfar.

Nunca meia viagem consentida!

Nunca meia medida

Do vinho que nos há-de embriagar!

Vasco da Gama é apresentado como um homem de sorte; o que lhe valeu foi ter ânimo nas horas difíceis; depois foi só receber o salário do triunfo sem mais esforço qualquer.

FERNÃO DE MAGALHÃES

Fernão de Magalhães da Ibéria toda,

Alma de tojo arnal sobre uma fraga

A namorar a terra em corpo inteiro,

Consciência do fim no fim da boda,

Fernão de Magalhães que andaste à roda

De quanto Portugal sonhou primeiro;

Ter um destino é não caber no berço

Onde o corpo nasceu.

Ê transpor as fronteiras uma a uma

E morrer sem nenhuma,

Às lançadas à bruma,
A cuidar que a ilusão é que venceu.

Nota-se uma especial predilecção de Torga por este personagem de remate de epopeia; Magalhães cumpre o derradeiro passo do destino que era abraçar a terra toda num só sonho; mesmo sem corpo visível, o fantasma de Magalhães regressa a Sevilha para dar testemunho do feito. Morrer sem fronteiras, imaginando o impossível em bruma dissipando-se: eis o sonho de Torga em Magalhães. Torga insiste na ideia que é preciso ter a alma enraizada nem que seja alma de tojo em fraga nua.

A F O N S O D E A L B U Q U E R Q U E

Quando esta escrevo a Vossa Alteza
Estou com um soluço que é sinal de morte.
Morro à vista de Goa, a fortaleza
Que deixo à Índia a defender-lhe a sorte.

Morro de mal com todos que servi,
Porque eu servi o rei e o povo todo.
Morro quase sem mancha, que não vi
Alma sem mancha à tona deste lodo.

De Oeste a Leste a Índia fica vossa;
De Oeste a Leste o vento da traição
Sopra com força para que não possa
O rei de Portugal tê-la na mão.

Em Deus e em mim o império tem raízes
Que nem um furacão pode arrancar...
Em Deus e em mim, que temos cicatrizes

Da mesma lança que nos fez lutar.

Em mais ninguém, Senhor, em mais ninguém

O meu sonho cresceu e avassalou

A semente daninha que de além

A tua mão, Senhor, lhe semeou.

Por isso a Índia há-de acabar em fumo

Nesses doirados paços de Lisboa.

Por isso a pátria há-de perder o rumo

Das muralhas de Goa.

O Vice-Rei moribundo fala pela derradeira vez e faz profecias em forma de carta a El-Rei D.Manuel; a força do ideal concreto arranca aos que o seguem forças inauditas. Afonso de Albuquerque tem consciência que ninguém conseguirá destruir o verdadeiro império português do futuro/presente porque ele está enraizado na verdadeira paz, fruto da verdadeira justiça. "E outra vida comece neste fim..." E fica Albuquerque com fama de santidade entre as populações indianas.

C O R T E Z

Queimar primeiro as naus da retirada.

Depois, o próprio crime

Agiganta e redime

O criminoso.

É um repto ao futuro...

Um acto absoluto,

Puro,

De tão cego e tão bruto.

Assim o herói desenha o seu perfil no tempo:

Brônzea fisionomia

Desumana.

Eterna crispação que desafia

A descuidada paz quotidiana.

Sangrento é o pé que em vez de caminhar

Ocupa.

Num México qualquer,

Numa hora de fúria ocidental,

Sem visível motivo,

Amanhece um destino pessoal

E anoitece um destino colectivo.

Fazem-se críticas indirectas ao conquistador sangrento; louva-se no entanto a grandeza desumana dos seus feitos. O crime de genocídio está sugerido nas entrelinhas.

L O I O L A

É um pesadelo a ressoar no ouvido:

- Obedece! Obedece! Obedece!

Num ritmo de prece,

O eco da remota intimação

Ordena à consciência do presente

A mesma penitente

Sujeição.

- Obedece! Obedece!

A razão endurece,

A vontade resiste,

A vontade resiste,
Mas, em nome do eterno
E do inferno,
O cantochão insiste:

- Obedece! Obedece!

E o mundo natural
E universal
Que o sol peninsular doira e aquece,
De repente, aparece
Mergulhado
Numa tristeza negra, que arrefece,
Num luar de sotaina, regelado.

O fundador da Companhia de Jesus é posto em contraste com o brilho do Sol da Ibéria que desaparece amortalhado pelo princípio não natural da obediência jesuítica. Obedecer é resitir a si e diluir sadiamente a personalidade amesquinhadora da liberdade perfeita.

S A N T A T E R E S A

Terra...

Era em Ávila da Ibéria a minha terra...

Terra!

Mas eu não vi a terra que me teve!

Nem lhe dei o calor que um filho deve

A sua Mãe!

Terra!

Nem lhe sabia o nome verdadeiro!

Nem a cor! nem o gosto! nem o cheiro!

Nem calculava o peso que ela tem!

Terra...

Vai-se embaçando o brilho dos meus olhos!

Apodrece o tutano dos meus ossos!

Crescem as unhas doidas nos meus dedos

Contra a palma da mão encarquilhada!

Medra o livor em mim de tal maneira

Que me babo de nojo do meu nada!

Terra!...

E andei eu a morrer a vida inteira!

E andei eu a secar a seiva da raiz

Que do Céu ou do Inferno me prendia

A ti, humana terra de Castela!

Terra!

E andei eu a viver a morte que vivia

Disfarçada em amor na minha cela!

Terra!...

E andei eu a negar o amor do mundo,

Quando de pólo a pólo o meu amor podia

Ser sem limites como a alma quer!...

E ser fecundo como a luz do dia!

E dar um filho, porque eu fui mulher!

Terra!...

E andei eu a legar este legado:

"Vivo morrendo primeiro",

Derradeiro Castelo a que subi!...

Terra...

E Deus que prometeu ter-me a seu lado,

Tem-me aqui.

A mística de Ávila, quanto a nós, foi escolhida para figurar nesta colectânea por razões de espanto: a santa apodrece com todos os por-menores na terra que a viu crescer em espiritualidade; o corpo de Santa Teresa não entende o que lhe está a acontecer. Se não conhecêssemos Miguel Torga acharíamos este poema blasfemo e impertinente; mas naquilo que contém de repto à condição humana o poema torna-se expressivo pois transmite um grande amor à vida em plenitude, à santidade moderna, comprometida com a realidade quotidiana.

Surgem ainda poemas dedicados a Camões e a Filipe Segundo, figuras típicas da loucura peninsular. Surge depois

S. J O ã O D A C R U Z

Um santo e um poeta de mãos dadas!

Um a negar o outro, e sempre unidos...

Um no céu das vivências sublimadas,

Outro a pensar no inferno dos sentidos...

O Santo é trazido em forma de herói porque lutou contra si próprio, conseguiu sobreviver à dicotomia interior entre santidade e amor aos sentidos aliando poesia e misticismo "Nessa totalidade/Contraditória".

O último "herói" do livro é Frederico Garcia Lorca e o poema que lhe é dedicado surgiu a Torga durante uma visita a Granada em que foi visitar o túmulo do camarada das letras. A versão inicial é mais simples e emotiva. Na versão final do poema, Lorca é visto como um "Bruxo das trevas", um "irmão". O texto tem forma de prece sentida em louvor da inspiração dos poetas que, por vezes, os faz serem incompreendidos ou mal compreendidos.

P E S A D E L O D E D: Q U I X O T E

Sancho: ouço uma voz etérea

Que nos chama...

Ibéria, dizes tu?!... Disseste Ibéria?!

Acorda, Sancho, é ela a nossa dama!

Pois de quem hão-de ser estes gemidos?!

Pois de quem hão-de ser?!

Só dela, Sancho, que nos meus ouvidos

Anda o coração a padecer...

Ergue-te Sancho! Quais moinhos?! Quais?!

Ai! pobre Sancho, que não sabes ver

Em moinhos iguais

Qual deles é só moinho de moer!...

Neste poema final da obra, Miguel Torga está visivelmente emocionado ou pretende criar emoção a partir do uso expressivo da pontuação febril como as exclamações, as interrogações, as reticências. Faz-se uma ~~e~~xortação a Sancho, um apelo cifrado mas pungente ao povo para que se não deixe enganar por falsas modernidades, que os problemas são sempre os mesmos...A terra anda mal governada por falsos procuradores. Os poemas acabam, assim, com uma girândola tremenda de apelos velados à colectiva tomada de consciência por parte dos que mais dela precisam. O objectivo implícito ao desenvolvimento da história dos povos peninsulares é, pois, em "Poemas Ibéricos", nada menos que a reintegração da Huamanidade no homogéneo absoluto, pondo-se assim fim à própria ideia de temporalidade fluente.

E terminamos o nosso trabalho com estas elucidativas palavras de José Marinho:

"Encontramo-nos, neste ponto, em Portugal, em circunstâncias de todo estranhas. Nós, como a Espanha, mais do que qualquer outro país da Europa (...) forcejámos por manter a verdade divina e a sua teológica forma. E, no entanto, como se mesmo para a fé desmesurada e para a fidelidade excessiva houvesse limite ou punição, mirrou-se-nos nas mãos essa verdade, e estamos muito abaixo no responsável sentido da verdade cristã de todos os povos da Europa. (...) O elevado misticismo, a nobre e humilde santidade, o teológico saber sumiram-se. Fomos demasiado pragmáticos e a religião, como a sabedoria, alheiam-se daqueles que as vertem na prática. Realizar, mas com medida- assim diz o profundo espírito." (1)

Acreditamos que, se José Marinho tivesse conhecido Torga não acharia estas qualidades antigas dos ibéricos assim tão sumidas.

(1) Obra de José Marinho, Vol. III, i. n. e. n.

BIBLIOGRAFIA

De Miguel Torga:

- **A Criação do Mundo**; 1ª. edição conjunta (com um prefácio); Coimbra, 1991.
- **Antologia Poética**; 4ª. Edição aumentada; Coimbra, 1994.
- **Diário - 1916-1926**, 1995.
- **Alguns Poemas Ibéricos**; Coimbra, 1952.
- **Poemas Ibéricos**; 1ª. Edição, 1965
- **Poemas Ibéricos**; 2ª. Edição: Coimbra. 1982

De Oliveira Martins:

- **História da Civilização Ibérica**: 12ª edição com uma Nota inicial de Guilherme de Oliveira Martins; Lisboa, Guimarães Editores. 1994.
- **Cartas Peninsulares**: Lisboa. Guimarães Editores. 1952.
- **História de Portugal**; 20ª. edição. Guimarães editores, 1991.

Sobre Miguel Torga:

- José de Melo, **Miguel Torga (Fotobibliografia)**; Estante Editora, Aveiro, 1995.

Sobre Oliveira Martins:

- **Oliveira Martins e os Críticos da 'História de Portugal'**; Ministério da Cultura, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. Lisboa. 1995.
- **Perfil de Oliveira Martins ou A Biografia de um Homem que a Si Mesmo se Fez de Cruz Malpique** in "Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto".

Sobre a 'Geração de 98' espanhola

- **Vision de España en La Generation del 98 (Antologia)**; Introduction Y seleccion de Jose Luis Abellan; Editorial Magisterio Español. Madrid, 1977.

- Miguel de Unamuno, **Vida de Don Quijote y Sancho**; Ediciones Cátedra, madrid, 1992.

- Pilar Vasquez Cuesta, **A Espanha ante o "Ultimatum"**; Livros Horizonte, Lisboa, 1975.

I

CURRICULUM VITAE

de: Paulo Manuel Pires de Carvalho

1966/1970 - Escola Primária na Branca - Albergaria-a-Velha- Aveiro.

1970/1977 - Ensino Liceal no Liceu Nacional de Aveiro (área de Letras), com média final de dezassete valores.

1977/1978 - Ano Propedêutico.

1978/1982 - Curso de Línguas e Literaturas Modernas (Variante de Estudos Portugueses e Ingleses) na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com média final de quinze valores.

1982/1983 - Ingresso na carreira de Professor do Ensino Secundário na Escola Secundária de Tomaz Pelayo - Santo Tirso.

1983/1884 - Interrupção da leccionação como professor de Português do Ensino Secundário para cumprimento do Serviço Militar Obrigatório (especialidade de Tradutor de Línguas no EMGFA - Estado Maior General das Forças Armadas - Repartição de Segurança da OTAN - Lisboa e, seguidamente, na EPT - Escola Prática de Transmissões - Porto).

1984/1986 - Profissionalização em exercício no oitavo grupo "A", na Escola Secundária Rodrigues de Freitas - Porto, com classificação profissional de catorze valores.

II

1986/1995 - Professor do Quadro com nomeação definitiva na Escola Secundária de António Nobre - Porto. Sucessivos cargos de Director de Turma, de Professor de Português

na área de Estudos Humanísticos, de Professor de Jornalismo e responsável pelo Jornal de Escola ao qual foi atribuído um prémio pelo Jornal "Público" - publicação de um artigo. Professor de Literatura Portuguesa - 11º ano - cursos intensivos no Externato D. Duarte - Porto, em regime de acumulação. Participação nos planos de formação contínua.

1995/1997 - Ingresso e frequência de Mestrado em Línguas e Literaturas Românicas, Modernas e Contemporâneas na Faculdade de Letras da Universidade do Porto: trabalhos monográficos para avaliação dos seminários dos Professores Doutores: Maria de Fátima Marinho, Celina Silva, Isabel Pires de Lima e António Ferreira de Brito. Tese sobre Miguel Torga, orientada pelo Professor Doutor José Adriano de Carvalho, cuja defesa aguarda marcação de data, tendo sido já nomeado o júri das provas de Mestrado que terá a seguinte constituição: **Presidente** - Doutor António Ferreira de Brito, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Vogais - Doutora Maria Fernanda Antunes de Abreu, Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Doutor José Adriano de Carvalho, Professor Catedrático

III

da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Frequência com aproveitamento do II Curso de Formação para a Cidadania, realizado pela Universidade Católica Portuguesa-Centro regional do Porto em parceria com o IDN (Instituto de Defesa Nacional), no âmbito do programa FOCO. Este curso teve a duração de 50 horas, tendo-lhe sido atribuídos dois créditos.

Participação no congresso sobre Teixeira de Pascoaes e o Saudosismo organizado pela UCP - Faculdade de Teologia.

Participação no congresso sobre Literatura Comparada, organizado pela FLUP.

Participação no Colóquio do I Encontro de Professores de Português - "A Língua Mãe e a paixão de aprender", organizado pela Areal Editores (Homenagem ao Prof.Dr. Oscar Lopes).

Participação no congresso sobre Almada Negreiros com a presença de especialistas, entre os quais Mestre Lima de Freitas.

Participação num seminário sobre Vergílio Ferreira, na Escola Secundária Rainha Santa Isabel.

Participação numa mesa redonda sobre Educação, Cidadania e Defesa, no Instituto de Defesa Nacional, com a presença de Suas Excelências o Ministro da Educação e o Ministro da Defesa.

Participação num colóquio sobre a comemoração do centenário da publicação da obra Pátria, de Guerra Junqueiro, sendo orador o Professor Doutor José Augusto Seabra, no Ateneu Comercial do Porto.

IV

Ingresso no Quadro da Escola Secundária Rainha Santa Isabel - Porto.

Leccionação do programa de Português de 12º ano. Correção das Provas do Exame Nacional de 12º ano.

Inscrição num curso sobre O Modernismo a promover pela Universidade Aberta, inserido no Programa FOCO.

Trabalhos de investigação sobre A Renascença Portuguesa.

Porto, Dezembro de 1997

TESE
DE
MESTRADO

Realizada por *Paulo Manuel Pires de
Carvalho*, residente na *Rua de Hernâni Torres*
247 - 2º dto frt. 4200 Porto, telefone (02)
5502033

